

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL E INTERNACIONALIZAÇÃO: um olhar sobre o estado da arte focando em discursos, ideologias e disputas hegemônicas

Barbara Cortat Simoneli, Kyria Rebeca Finardi

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13586>

Submetido em: 2025-09-30

Postado em: 2025-11-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL E INTERNACIONALIZAÇÃO: um olhar sobre o estado da arte focando em discursos, ideologias e disputas hegemônicas

EDUCATION FOR GLOBAL CITIZENSHIP AND INTERNATIONALIZATION: an overview of the state-of-the-art-review focusing on discourses, ideologies, and hegemonic disputes

Ensaio teórico

Barbara Cortat Simoneli¹

Kyria Rebeca Finardi²

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte do estado da arte (EA) sobre a Educação para a Cidadania Global (ECG) e a internacionalização no superior, analisando como discursos, ideologias e disputas hegemônicas moldam práticas e políticas educacionais. A partir das perspectivas teóricas de Bakhtin e Gramsci, investiga-se como organismos internacionais (OIs) e instituições de ensino mobilizam a ECG, enquanto estratégia de internacionalização, tanto como discurso de justiça, diversidade e sustentabilidade quanto como estratégia alinhada a lógicas neoliberais e eurocêtricas. A metodologia de pesquisa adotada neste trabalho foi o Estado da Arte (EA), desenvolvido a partir da seleção e análise de cinco artigos de periódicos e um capítulo de livro. A análise evidencia duas linhas centrais: uma voltada à competitividade, aos *rankings* e à empregabilidade, e outra orientada por valores de justiça social, equidade e cidadania global crítica. Embora esta última seja atravessada por forças hegemônicas, abre espaço para práticas contra-hegemônicas, especialmente quando fundamentadas em epistemologias do Sul, abordagens decoloniais e projetos pedagógicos críticos inspirados na consciência freireana, por exemplo. Conclui-se que a internacionalização e a ECG, quando assumidas de forma crítica e contextualizada, podem se reforçar mutuamente na formação de cidadãos globais comprometidos com a justiça, a pluralidade e a sustentabilidade, transformando as instituições educativas em espaços contra-hegemônicos, isto é, espaços de diálogo, resistência e transformação social.

Palavras-chave: Educação para a Cidadania Global; Internacionalização; Discurso; Ideologia; Hegemonia.

¹ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Centro de Educação, Vitória, ES, Brasil.

E-mail: barbaracortatsimoneli@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9919-3257>

Contribuições: Conceituação; Investigação; Curadoria de dados; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

² Professora do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil.

E-mail: kyria.finardi@ufes.br | <https://orcid.org/0000-0001-7983-2165>

Contribuições: Conceituação; Supervisão; Validação; Redação – revisão e edição.

Abstract

This article presents a state-of-the-art review (SOTA) of Global Citizenship Education (GCE) and the internationalization of education, analyzing how discourses, ideologies, and hegemonic disputes shape educational policies and practices. Drawing on Bakhtin's and Gramsci's theoretical perspectives, the study investigates how international organizations (IOs) and education institutions mobilize GCE as both a discourse of justice, diversity, and sustainability and as a strategy aligned with neoliberal and Eurocentric logics. The research methodology adopted in this study was the State of the Art (EA), conducted through the selection and analysis of five journal articles and one book chapter. The analysis reveals two central lines: one emphasizing competitiveness, rankings, and employability, and another centered on values of social justice, equity, and critical global citizenship. Although the latter is often shaped by hegemonic forces, it opens space for counter-hegemonic practices, particularly when grounded in Southern epistemologies, decolonial approaches, and, for example, pedagogical projects inspired by Freirean critical consciousness. The findings indicate that internationalization and GCE, when critically and contextually implemented, can reinforce each other in forming global citizens committed to justice, plurality, and sustainability. The article concludes by defending the need for pedagogical practices that resist homogenization, value marginalized knowledges, and transform educational institutions into spaces of counter-hegemony, that is, spaces of dialogue, resistance, and social transformation.

Keywords: Global Citizenship Education; Internationalization; Discourse; Ideology; Hegemony.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este artigo analisa como a ideia de formar “cidadãos do mundo” aparece nos discursos sobre educação e no processo de internacionalização. Embora a internacionalização tenha ideal associado a valores como justiça social, diversidade e sustentabilidade, muitas vezes ela reforça desigualdades, reproduzindo padrões de países ricos e deixando de lado saberes e necessidades locais. O ensaio teórico mostra que há dois grandes caminhos em disputa: um que prioriza competitividade, *rankings* de avaliação de qualidade e preparação para o mercado de trabalho, e outro que defende a cidadania global crítica, voltada para inclusão e transformação social. Ao mesmo tempo, o artigo aponta que esses caminhos não são fixos: mesmo dentro de contextos dominados por visões hegemônicas, surgem práticas de resistência, baseadas em perspectivas locais, decoloniais e críticas. A conclusão sugere que a educação e a internacionalização podem, quando assumidas de forma crítica e situada, contribuir para a formação de pessoas capazes de enfrentar desafios globais sem perder de vista a valorização dos saberes e experiências locais.

Introdução

As transformações promovidas pela globalização, caracterizadas pela intensificação das interações e interdependências entre países e sociedades, têm repercussões importantes na educação e, em especial, no ensino superior (GIDDENS, 1991). Nesse contexto, a internacionalização das instituições de ensino superior (IES) pode ser compreendida como o processo de incorporação de dimensões internacionais, interculturais e globais ao ensino, à

pesquisa e à extensão (KNIGHT, 1997). Trata-se de um fenômeno que, embora dialogue com ideais de cooperação acadêmica e intercâmbio de saberes, frequentemente reproduz hierarquias linguísticas e epistemológicas, invisibilizando vozes do Sul Global e desconsiderando seus contextos e necessidades particulares, diferentes daqueles do Norte Global (FINARDI; FRANÇA; GUIMARÃES, 2022; 2023; FRANÇA; FINARDI, 2025).

Apesar do ideal de dialogar com conhecimentos produzidos em diferentes IES ao redor do mundo, no contexto brasileiro, o processo de internacionalização tem se configurado mais como uma “imitação” e “importação” de saberes do que como uma coprodução ou diálogo. Consiste em um processo complexo que transcende dimensões puramente institucionais, alcançando práticas linguísticas, culturais e discursivas que, em vez de reduzir, acabam por reproduzir desigualdades (LEAL; ABBA; FINARDI, 2024). Inserida em disputas políticas, epistemológicas e geopolíticas, a internacionalização redefine identidades, objetivos pedagógicos e relações interpessoais nos espaços educacionais e na missão da universidade (ensino, pesquisa e extensão), reproduzindo hierarquias globais e epistemologias hegemônicas.

Um exemplo dessa ambivalência entre acolher e impor epistemologias e padrões de países centrais pode ser observado no discurso da Educação para a Cidadania Global (ECG), que, embora associado a ideais de formação crítica, diversidade e justiça social, é frequentemente traduzido em lógicas e práticas coloniais eurocentradas e hegemônicas que reforçam desigualdades locais e globais (PICCIN; FINARDI, 2019; PAIS; COSTA, 2018; CHOI; KIM, 2018; BOSIO; SCHATTLE, 2021; CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018; CABRAL; MORENO, 2022; NIEMANN; MARTENS, 2021). Ao mesmo tempo, a ECG e a internacionalização compartilham o propósito de formar sujeitos capazes de compreender e intervir diante dos desafios contemporâneos em uma perspectiva glocal, articulando dimensões locais e globais. Nesse sentido, em termos conceituais, a ECG fornece às instituições de ensino um horizonte ético-político que orienta a internacionalização para além da lógica de *rankings* e competitividade, enquanto a internacionalização disponibiliza meios institucionais, curriculares e pedagógicos para concretizar os ideais da ECG, em especial quando alinhada à Agenda 2030 da ONU e às diretrizes da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) (NIEMANN; MARTENS, 2021; PAIS; COSTA, 2018; CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018; CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018).

Mesmo quando o conceito de ECG é ligado a estratégias de internacionalização como a Internacionalização em Casa, intercâmbio virtual e o Terceiro Espaço (ex.: GUIMARÃES;

FINARDI, 2021; FINARDI; SALVADORI; WEHRLI, 2024), ele corre o risco de ceder à tentação de homogeneizar conhecimentos em direção a uma visão “universal” do que deva constituir a cidadania global (ORTIZ-ROJO; FINARDI; LACRUZ, no prelo). Essas contradições estão presentes principalmente nos discursos de organismos internacionais (OIs), como a UNESCO, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Banco Mundial (ex.: NIEMANN; MARTENS, 2021; CABRAL; MORENO, 2022), em IES (ex.: CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018; SANTOS; MOROSINI, 2018; SOUZA; OLIVEIRA, 2024) e em escolas de ensino básico (ex.: CHOI; KIM, 2018; MOROSINI *et al.*, 2023; MOROSINI *et al.*, 2025), que utilizam a ECG como parte das estratégias de internacionalização, apresentando-a como promotora de justiça social, equidade, sustentabilidade, participação ativa e cidadania, enquanto, na prática, funciona como uma estratégia de propaganda de valores neoliberais em busca de status social e vantagens econômicas.

Tais discursos carregam ideologias que moldam realidades, influenciando modos de vida e práticas sociais (BAKHTIN; [1934-1935] 1998; ZACCHI, 2006; GRAMSCI, 2000a; 2000b; GIORDANI, 2009) em escala local e global. Nesse cenário, observam-se discursos contrastantes: de um lado, o neoliberal, voltado à formação de estudantes e profissionais para o mercado de trabalho; de outro, discursos que enaltecem a cidadania, enfatizando valores como justiça social, igualdade e equidade (CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018; CABRAL; MORENO, 2022; NIEMANN; MARTENS, 2021; CHOI; KIM, 2018; PAIS; COSTA, 2020; BOSIO; SCHATTLE, 2021). Embora este último seja considerado por alguns (ex.: CABRAL; MORENO, 2022; NIEMANN; MARTENS, 2021; PAIS; COSTA, 2020; BOSIO; SCHATTLE, 2021) como um contradiscurso, ele frequentemente é atravessado pelos demais. Superar essas contradições exige compreender a internacionalização e a ECG como processos interdependentes e mutuamente fortalecedores: quando assumidas criticamente, tornam-se instrumentos para a formação integral de cidadãos globais, capazes de enfrentar os desafios da interdependência planetária e comprometidos com a construção de sociedades mais justas e sustentáveis (BOSIO; SCHATTLE, 2021). Para compreender e evidenciar as ideologias presentes nos discursos de instituições de ensino e OIs, identificando quais são esses discursos e suas ideologias predominantes, analisando como influenciam a vida cotidiana de estudantes (futuros cidadãos do mundo) e investigar seus contra-discursos e práticas contra-hegemônicas, este artigo se apoia em referências teóricas de Bakhtin ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999) e Gramsci (2000a; 2000b), destacando os conceitos de linguagem em Bakhtin e de ideologia e hegemonia em Gramsci.

Bakhtin ([1934-1935] 1998; ; [1929-1930] 1999) conceptualiza a linguagem como um espaço dinâmico de interação e disputa onde diferentes vozes e perspectivas se entrecruzam, se confrontam e se influenciam mutuamente, refletindo as condições históricas e sociais em que se manifestam. Gramsci (2000a; 2000b) entende que as ideologias podem servir tanto para unir pessoas em torno de valores compartilhados quanto para perpetuar desigualdades, sendo a hegemonia construída gradualmente por meio do consenso obtido em instituições sociais, como escolas, partidos, igrejas e meios de comunicação. Essa perspectiva permite compreender a origem e a naturalização dos discursos dominantes, assim como os espaços em que podem surgir práticas e ideias contra-hegemônicas. Para tanto, realizaremos um ensaio teórico sobre o estado da arte (EA) focando nos discursos de autores de diferentes partes do mundo sobre a estratégia da ECG em variados contextos educacionais.

1. Fundamentação teórica: o discurso ideológico e hegemônico a partir das lentes teóricas de Bakhtin e Gramsci

Ao longo da história do pensamento social, diversos autores buscaram compreender como a linguagem participa da construção da vida em sociedade. Não corresponde a um simples meio neutro de comunicação, ela surge como um espaço de disputas simbólicas, onde se produzem, circulam e confrontam sentidos que sustentam modos de organização social. É nesse cenário que se situam as reflexões de Bakhtin ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999; VIDON; SILVA, 2018; ZACCHI, 2006) e do chamado Círculo de Bakhtin, que entendem a linguagem como um campo de conflitos ideológicos, um terreno no qual diferentes vozes competem entre si e onde forças hegemônicas buscam se manter enquanto vozes contra-hegemônicas tentam resistir. Portanto, a linguagem no cotidiano está impregnada de vozes e perspectivas, ou seja, ideologias que se cruzam e que buscam se impor ou resistir.

Para Bakhtin ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999; VIDON; SILVA, 2018), esse caráter conflitivo da linguagem se explica pelo fato de a palavra possuir duas faces: uma material (a do signo) e outra ideológica. Essa concepção o leva ao conceito de enunciado concreto; enquanto a frase ou enunciado é apenas a estrutura material (o produto), a enunciação é a frase situada em um contexto histórico-social específico, ou seja, o processo em que a linguagem acontece. Assim, todo enunciado concreto articula simultaneamente sua dimensão material (verbal, visual, escrita, imagética) e o contexto de produção, circulação e recepção no qual está inserido.

Portanto, nenhum enunciado é isolado, ele sempre envolve sempre um interlocutor, as condições históricas e sociais em que aparece e a situação comunicativa que o molda, sendo atravessado por ideologias dominantes e por vozes que lhes resistem. Assim emergem os gêneros discursivos, que organizam as formas de tomar a palavra nas diferentes esferas da vida social. Outro conceito central que se articula nesse ponto é o de dialogismo (BAKHTIN; [1934-1935] 1998; ZACCHI, 2006), segundo o qual todo enunciado responde a outros que o precedem e antecipa respostas futuras. Não existe discurso isolado, mas um constante fluxo de vozes que disputam sentidos e valores, revelando as tensões entre hegemonias e contra-hegemonias.

Esse entendimento da linguagem como arena ideológica se conecta à perspectiva marxista, que influenciou Bakhtin ([1934-1935] 1998), da ideologia como falsa consciência, isto é, um mecanismo que oculta as desigualdades sociais e apresenta como naturais ideias que atendem a interesses específicos. Segundo ele, a ideologia se sustenta em mecanismos como universalização, naturalização, aparência social, lacuna e inversão, que mascaram sua origem nas relações de poder. Inspirado por esse olhar de Marx, Bakhtin ([1934-1935] 1998), destacou que os modos de produção (escravismo, feudalismo, capitalismo) exigem formas de organização social sustentadas por ideologias, as quais circulam pela palavra, oral ou escrita, e moldam tanto práticas cotidianas, a infraestrutura, quanto sistemas da superestrutura, que são o direito, a moral, religião, ciência, e as artes. Portanto, para Bakhtin ([1929-1930] 1999; [1934-1935] 1998), a linguagem está na base da vida social e institucional e, justamente por isso, não há neutralidade: todo enunciado é ideológico, mesmo quando se apresenta como natural.

Essa concepção também encontra ressonância nas reflexões de Gramsci (2000a; 2000b; ZACCHI, 2006; GIORDANI, 2009), que entende que, a ideologia tem um duplo caráter: pode unir os indivíduos em torno de valores comuns, mas também serve para reforçar desigualdades quando massificada. A esse respeito, seu conceito central é o de hegemonia, considerada um domínio construído não apenas pela força, mas pela conquista gradual do consenso por meio de instituições como partidos, parlamentos, escolas, igrejas e meios de comunicação. No Ocidente, por exemplo, esse domínio se consolida principalmente na sociedade civil, onde organizações disputam sentidos e articulam projetos históricos. A hegemonia, portanto, é um processo de direção cultural e política que se impõe como dominante, mas que só se sustenta porque está continuamente enfrentando resistências e sendo desafiada por contra-hegemonias.

Nesse cenário, Gramsci (2000a; 2000b) introduz a noção de intelectual orgânico, aquele que elabora discursos para sustentar ou contestar a hegemonia. Tais intelectuais podem servir à classe dominante, reforçando a ideologia e a hegemonia vigentes, ou às classes subalternas, criando projetos contra-hegemônicos que tensionam a ordem em curso. A dimensão discursiva é central em todo esse processo, pois Gramsci (2000b; ZACCHI, 2006), indo de encontro a Bakhtin ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999); ZACCHI, 2006), evidenciou que a língua não é neutra uma vez que carrega concepções de mundo. Inclusive a gramática normativa expressa valores culturais e políticos, e instituições como escola, igreja e mídia reproduzem esses valores, naturalizando as desigualdades. As ideias gramscianas (2000a; 2000b) de hegemonia e ideologia se aproximam da concepção bakhtiniana (BAKHTIN, [1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999), de que todo signo é ideológico. Nesse sentido, reforça-se que a linguagem é um campo de poder e resistência, no qual se enfrentam forças hegemônicas e contra-hegemônicas.

Ou seja, os discursos se estruturam por práticas articulatórias em constante disputa, e os sujeitos participam ativamente da produção de sentidos. Bakhtin ([1934-1935] 1998; ZACCHI, 2006) reforça esse aspecto com o conceito de dialogismo, mencionado anteriormente, que reforça que a multiplicidade de vozes restringe a homogeneização (hegemonia) e abre espaço para resistências (contra-hegemonia), demonstrando que a hegemonia, por mais dominante que seja, nunca é absoluta ou definitiva.

Convergindo essas reflexões, percebemos que tanto Bakhtin ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999; VIDON; SILVA, 2018; ZACCHI, 2006) quanto Gramsci (2000a; 2000b; ZACCHI, 2006; GIORDANI, 2009) ressaltam a linguagem como campo de disputa. Enquanto Bakhtin ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999) evidencia os conflitos internos à própria linguagem e a pluralidade de vozes que se enfrentam nela, Gramsci (2000a; 2000b) destaca a luta pela hegemonia cultural e política que organiza essas vozes. Ambos, contudo, reconhecem que onde há dominação, há também resistência. Giordani (2009) aproxima Gramsci à perspectiva laclauliana de que os discursos articulam significados em torno de projetos hegemônicos que buscam se estabilizar, mas que nunca eliminam totalmente as dissidências.

Em conjunto, essas visões bakhtinianas e gramscianas revelam que ideologia, discurso e hegemonia se entrelaçam na produção dos sentidos sociais e que toda palavra carrega, em maior ou menor grau, as marcas das disputas entre o dominante e o contestatório. Portanto, ao articular conceitos como enunciado concreto, signo ideológico, ideologia do cotidiano e hegemonia, compreende-se que a linguagem não é um espaço neutro, mas um campo de

forças. Ela está sempre em disputa, atravessada por tensões, resistências e possibilidades de transformação.

2. A internacionalização do ensino e o desenvolvimento de cidadania global

A globalização tem impactado profundamente as esferas sociais, políticas, econômicas e educacionais, sendo um de seus desdobramentos mais visíveis o da internacionalização do ensino superior (IES) (PEREIRA; SANTCLAIR; SILVA, 2023; AMORIM; FINARDI, 2020; MIRANDA; MUELLER, 2023). Apesar do potencial da IES para promover cooperação acadêmica ampliando a circulação de conhecimentos, a internacionalização tem sido marcada por tensões que colocam em evidência desigualdades históricas entre o Norte e o Sul Global, refletindo disputas geopolíticas e epistemológicas.

No Brasil, as iniciativas de internacionalização são frequentemente induzidas por programas ou incentivos nacionais (FINARDI; ARCHANJO, 2018), ou promovidas como iniciativas pontuais, incipientes (ex: AMORIM; FINARDI, 2017; AMORIM; FINARDI, 2022) e desarticuladas, resultando em um cenário de “falsa autonomia” institucional (MIRANDA; MUELLER, 2023) onde podemos ver as pegadas coloniais (CHIAPPA; FINARDI, 2021; PICCIN; FINARDI, 2021) na replicação de modelos feitos por e para “os outros” (LEAL; ABBA; FINARDI, 2022).

Ausente uma política pública nacional abrangente, muitas instituições de ensino brasileiras reproduzem modelos e padrões do Norte Global, alinhando-se a agendas e OIs como OCDE e o Banco Mundial (SILVA; VIEIRA, 2021, VIEIRA; FINARDI; PICCIN, 2018). Tais agendas, sob o discurso da ECG, buscam padronizar currículos e práticas educacionais de acordo com os países do Norte, mas, apesar da boa proposta da ECG frequentemente impõem lógicas eurocêntricas, homogeneizadoras e orientadas ao mercado, silenciando saberes e vozes do Sul (GUIMARÃES *et al.*, 2019; BOSIO, 2023). Essa reprodução de modelos hegemônicos revela um paradoxo: enquanto a internacionalização se apresenta como estratégia de desenvolvimento humano e social, ela também reforça hierarquias linguísticas, epistêmicas e geopolíticas (AMORIM; FINARDI, 2020; HILDEBLANDO JÚNIOR; FINARDI; EL KADRI, 2022).

Autores do Sul Global e críticos do modelo vigente têm defendido alternativas contra-hegemônicas como é o caso de Cabral e Moreno (2022) que argumentam que a ECG, tal como promovida por OIs, limita-se a reformas superficiais que mantêm as bases do neoliberalismo. Guimarães e Finardi (2021) denunciam o caráter excludente e eurocêntrico

das práticas de internacionalização, enquanto Bosio (2023) defende uma abordagem decolonial da cidadania global, fundamentada em pedagogia crítica e justiça social, que valorize vozes locais e promova diálogo reflexivo.

Leal, Abba e Finardi (2022) discutem criticamente a internacionalização do ensino superior problematizando seus fundamentos coloniais e hegemônicos. As autoras destacam que, embora a internacionalização seja frequentemente apresentada como um processo benéfico, ela reforça assimetrias históricas de poder e conhecimento, privilegiando epistemologias do Norte Global, o que é confirmado no levantamento da produção do conhecimento no Sul Global por Finardi, Santos e Guimarães (2016).

Em outro artigo as autoras Leal, Abba e Finardi (2024) analisam criticamente os discursos de internacionalização do ensino superior no Brasil, utilizando as lentes da Modernidade/(De)Colonialidade e a Análise Crítica do Discurso de Fairclough. O estudo revela que tais discursos estão imersos em um imaginário global hegemônico que reforça desigualdades históricas entre Norte e Sul Global. A internacionalização, apresentada como imperativo neutro e benéfico, é orientada por valores neoliberais e eurocêntricos, priorizando *rankings*, parcerias com o Norte e o inglês como língua dominante, em detrimento da diversidade linguística e epistêmica e da cooperação Sul-Sul.

Assim, apesar do processo de internacionalização do ensino superior ter sido concebido inicialmente como um mecanismo para integrar dimensões interculturais, internacionais e globais às IES (KNIGHT, 2004) com vistas à formação de cidadãos capazes de enfrentar desafios globais (PEREIRA; SANTCLAIR; SILVA, 2023; AMORIM; FINARDI, 2020; MIRANDA; MUELLER, 2023), no Brasil, a internacionalização ainda carece de articulação sistêmica e de políticas públicas abrangentes, resultando em ações isoladas e fortemente influenciadas por modelos do Norte Global (GUIMARÃES *et al.*, 2019). Tais modelos, frequentemente legitimados por organismos multilaterais como a UNESCO (ORTIZ-ROJO; FINARDI; LACRUZ, no prelo), alinham-se a uma concepção de ECG que, ao buscar padronizar currículos e práticas, tende a reproduzir lógicas eurocêntricas e a silenciar vozes do Sul Global (SILVA; VIEIRA, 2021).

Assim, a internacionalização revela-se como um fenômeno ambivalente: ao mesmo tempo em que possibilita trocas acadêmicas e interculturais relevantes, também reforça desigualdades históricas ao privilegiar instituições do Norte, intensificar a competição acadêmica e hierarquizar saberes e sujeitos (AMORIM; FINARDI, 2020; HILDEBLANDO JÚNIOR; FINARDI; EL KADRI, 2022). Tal dualidade torna evidente a necessidade de repensar as práticas e discursos hegemônicos que sustentam a internacionalização.

A compreensão dessas dinâmicas exige uma análise crítica que considere a relação entre discurso, ideologia e hegemonia. Para Bakhtin ([1929-1930] 1999), a linguagem é essencialmente ideológica, carregando valores e visões de mundo. Gramsci (2000a; 2000b) complementa essa perspectiva ao conceber a ideologia como mecanismo de naturalização das relações de poder, mantidas pela hegemonia cultural por meio do consentimento (GRAMSCI, 2000a; 2000b; ZACCHI, 2006), conforme veremos à frente.

Pesquisas recentes reforçam a necessidade de uma abordagem crítica para a ECG. Por exemplo, Cabral e Moreno (2022) criticam o alinhamento da proposta da UNESCO a um reformismo neoliberal que adapta o capitalismo sem confrontar suas bases estruturais. Guimarães e Finardi (2021) destacam o caráter eurocêntrico e excludente de muitas políticas de ECG, que marginalizam estudantes de contextos periféricos. Bosio (2023) defende uma ECG ancorada em uma pedagogia crítica, comprometida com a justiça social, com o diálogo reflexivo e com o reconhecimento das especificidades locais. A análise de documentos institucionais, pesquisas, projetos e de práticas de internacionalização no Brasil evidencia a reprodução de modelos eurocêntricos e anglófonos, com forte ênfase em *rankings* internacionais e na adoção do inglês como língua acadêmica prioritária (ORTIZ-ROJO; FINARDI, 2022; MOROSINI *et al.*, 2023). Esse cenário reforça a hierarquia linguística e limita a participação de sujeitos e saberes do Sul Global.

Por outro lado, práticas contra-hegemônicas emergem em experiências de internacionalização crítica, que incluem o reconhecimento da diversidade linguística, a valorização de epistemologias locais e a promoção de intercâmbios baseados em solidariedade e justiça social (ORTIZ-ROJO; FINARDI, 2022; MOROSINI *et al.*, 2023; GUIMARÃES; FINARDI, 2021; FINARDI; SALVADORI; WEHRLI, 2024). Tais práticas se aproximam de uma perspectiva decolonial ao questionar a imposição de um único modelo de ciência e de produção de conhecimento. Por exemplo, a diversidade linguística e pluralidade epistêmica defendida por autores decoloniais (PICCIN; FINARDI, 2021; MIGNOLO, 2002; QUIJANO, 2005) encontra ressonância em iniciativas brasileiras que priorizam o português (GUIMARÃES; FINARDI, 2021), as línguas indígenas (REZENDE, 2024) e outras línguas locais como meios legítimos de produção e circulação do conhecimento (FINARDI; FRANÇA; GUIMARÃES, 2022; 2023; PERES; FINARDI; CALAZANS, 2020; FINARDI, 2018).

Nesse sentido, a partir da análise de pesquisas que problematizam como a ECG vem sendo concebida e implementada (ex.: NIEMANN; MARTENS, 2021; CABRAL; MORENO, 2022; CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018; BOSIO; SCHATTLE, 2021; CHOI; KIM,

2018; PAIS; COSTA, 2020) , evidenciando suas limitações e ambivalências, muitos autores (ex.: BOSIO, 2013; GUIMARÃES; FINARDI, 2021; HOFHUIS; JANSZ, 2024; FINARDI; SALVADORI; WEHRLI, 2024) apontam para a necessidade de uma abordagem crítica e inclusiva, capaz de superar discursos hegemônicos e valorizar epistemologias locais. Como alternativa, propõem uma ECG decolonial, fundamentada em pedagogia crítica e orientada pela justiça social, pautada no diálogo reflexivo, na mudança social e na consciência crítica. Essa abordagem, ao enfatizar a ética do cuidado e a consciência ecológica, busca formar cidadãos globais engajados e críticos, capazes de resistir às lógicas mercantis e de enfrentar desigualdades tanto globais quanto locais.

A partir dessas análises, compreende-se que, embora a ECG articule um discurso hegemônico (GRAMSCI, 2000a; 2000b) que apresenta valores neoliberais como universais e inevitáveis e ao mesmo tempo mascara as dinâmicas de opressão que os sustentam, uma vez que a linguagem é permeada por ideologias dominantes e reproduz as visões de mundo das classes hegemônicas (BAKHTIN, [1929-1930] 1999), tanto Gramsci (2000a; 2000b) quanto Bakhtin ([1929-1930] 1999) indicam possibilidades contra-hegemônicas: por meio do desenvolvimento da consciência crítica e do dialogismo, é possível desestabilizar discursos monológicos e fomentar práticas educativas inclusivas e plurais.

3. Metodologia de pesquisa: Estado da Arte

O Estado da Arte (EA), também conhecido como Estado do Conhecimento ou Estado da Questão, é compreendido na literatura de diferentes formas: como modalidade de pesquisa (TEIXEIRA, 2023), como metodologia de pesquisa (CÂMARA *et al.*, 2019) e como método investigativo de natureza bibliográfica (SANTOS *et al.*, 2020). Essas definições não são excludentes, mas complementares, considerando que o EA pode ser compreendido como uma modalidade de pesquisa bibliográfica que se concretiza por meio de um método investigativo, sustentado por procedimentos metodológicos sistemáticos. De acordo com Teixeira (2023), Câmara *et al.* (2019) e Santos *et al.* (2020), o EA se diferencia de uma revisão apenas descritiva por adotar uma perspectiva analítica e crítica, identificando tendências, recorrências, contradições, enfoques teórico-metodológicos, lacunas e possibilidades de avanço. Sua finalidade é organizar e colocar em evidência o conhecimento já produzido, compreender o estágio atual das pesquisas, evitar duplicações, fundamentar novos estudos e indicar caminhos futuros de investigação, funcionando como subsídio para a definição de

temas, referenciais teóricos e metodológicos, além de contribuir para a consolidação científica e social de uma determinada área do conhecimento.

Os autores descrevem as etapas sistemáticas que compõem a realização de um EA, a saber: (1) a definição da temática, do objeto, dos descritores e do recorte temporal; (2) o levantamento da produção acadêmica em bases e repositórios (ex.: CAPES, CNPq, Google Acadêmico, entre outros); (3) a seleção e organização do material em categorias como ano, região, periódico e abordagem; e (4) a análise crítica, que pode contemplar dimensões quantitativas e qualitativas. O resultado é uma síntese capaz de evidenciar avanços, enfoques dominantes e emergentes, inconsistências e lacunas ainda não exploradas. Dessa forma, mais do que um simples levantamento bibliográfico, o EA constitui um exercício investigativo que organiza o conhecimento consolidado e, ao mesmo tempo, projeta caminhos para futuras pesquisas (TEIXEIRA, 2023; CÂMARA *et al.*, 2019; SANTOS *et al.*, 2020).

A busca de trabalhos para a realização do EA neste trabalho foi a partir de revisão bibliográfica de artigos científicos e capítulos de livros acadêmicos disponibilizados em diferentes plataformas como AcademiaEdu, ResearchGate e sites de editoras com acesso gratuito. Os descritores utilizados na busca incluíram: “discurso sobre cidadania global”, “discurso sobre internacionalização da educação”, “internacionalização e ECG”, “neoliberalismo, ECG e internacionalização”, “discurso crítico na ECG e na internacionalização”, “estudos de casos sobre os discursos da ECG e da internacionalização”, entre outros semelhantes. Esses descritores também foram traduzidos para o inglês, permitindo a busca por materiais em ambas as línguas.

A busca resultou em 36 artigos e/ou capítulos de livros, em inglês e português, publicados entre 2008 e 2025, de autores nacionais e internacionais. Inicialmente, foram revisados seus resumos, a fim de possibilitar uma visão mais ampla do tema. Desses 36, apenas 6 foram selecionados e lidos integralmente, devido às limitações de espaço e foco deste trabalho. Esses estudos foram organizados segundo categorias como natureza do estudo, título, autores e ano de publicação conforme ilustramos na tabela abaixo:

Tabela 1. Organização dos estudos organizados por ordem cronológica

Natureza do trabalho	Revista ou livro	Título do trabalho	Autores	Ano de publicação
Artigo de periódico	<i>Alternate Routes: A Journal of Critical Social Research</i>	<i>Global Citizenship as Neoliberal Propaganda: A</i>	Debra D. Chapman, Tania Ruiz	2018

		<i>Political-Economic and Postcolonial Critique</i>	Chapman e Peter Eglin	
Artigo de periódico	<i>Critical Studies in Education</i>	<i>Deconstructing neoliberalism in global citizenship discourses: an analysis of Korean social studies textbooks</i>	Yoonjung Choi e Yeji Kim	2018
Artigo de periódico	<i>Critical Studies in Education</i>	<i>An ideology critique of global citizenship education</i>	Alexandre Pais e Marta da Costa	2020
Artigo de periódico	<i>Prospects, Comparative Journal of Curriculum, Learning, and Assessment</i>	<i>Ethical global citizenship education: From neoliberalism to a values-based pedagogy</i>	Emiliano Bosio e Hans Schattle	2021
Capítulo de livro	Livro <i>International Organizations in Global Social Governance</i> editado por Kerstin Martens, Dennis Niemann e Alexandra Kaasch	<i>Global Discourses, Regional Framings and Individual Showcasing: Analyzing the World of Education Ios</i>	Dennis Niemann e Kerstin Martens	2021
Artigo de periódico	Revista Carta Internacional	Educação para a cidadania global (UNESCO): um discurso reformista neoliberal	Guilherme Perez Cabral e Viviane Tavares Leite Moreno	2022

Fonte: Autoras.

A escolha dos seis artigos também se deu devido à maior aproximação com o tema e o objetivo deste estudo, bem como para incluir uma variedade de contextos nos quais o tema é aplicado, desde documentos publicados por organizações internacionais e slogans de universidades até livros didáticos de escolas de ensino fundamental. Nas seções a seguir, apresentaremos a discussão crítica dos seis textos selecionados para a realização do presente estudo.

4. Estado da arte: discursos e ideologias na internacionalização e na educação para a cidadania global

Os debates sobre a internacionalização da educação e a ECG têm se configurado como espaços de tensão entre perspectivas neoliberais e visões críticas, produzindo discursos híbridos presentes em políticas, currículos e práticas institucionais. Diversos estudos mostram como organizações internacionais, governos e universidades disputam os sentidos da internacionalização e da cidadania global, ora reforçando lógicas de mercado, ora promovendo ideais de justiça social e solidariedade.

Niemann e Martens (2021) destacam que OIs como a UNESCO, OCDE e o Banco Mundial desempenham papel central na definição de agendas globais, padronizando avaliações (como *Programme for International Student Assessment – PISA* – e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS) e orientando currículos e políticas docentes. A análise evidencia a convergência de dois discursos inicialmente concorrentes, o utilitarista/neoliberal e o orientado a valores sociais, formando um quadro híbrido que legitima tanto a formação de capital humano quanto ideais de cidadania. Essa convergência não elimina as contradições, mas revela o caráter estratégico e adaptativo das organizações internacionais.

O debate em torno da ECG evidencia tais ambiguidades. Para Cabral e Moreno (2022), embora o conceito seja pensado como pedagógico e transformador, ele frequentemente se dilui em formulações vagas e conciliatórias, adaptando-se ao neoliberalismo e correndo o risco de reproduzir desigualdades. Chapman, Chapman e Eglin (2018) aprofundam essa crítica ao mostrar como programas de cidadania global em universidades canadenses funcionam como instrumentos de *marketing* e prestígio, transformando comunidades do Sul Global em espaços de aprendizagem simbólica para estudantes privilegiados do Norte. Nessa lógica, a cidadania global se configura menos como prática emancipatória e mais como dispositivo ideológico do capitalismo neoliberal.

Por outro lado, alguns estudos buscam tensionar ou reorientar esse quadro. Bosio e Schattle (2021) propõem uma “ECG ética”, fundamentada em valores de paz, justiça e direitos humanos, articulada em dimensões que valorizam engajamento coletivo, mentalidade global e responsabilidade intergeracional. Trata-se de uma tentativa de reposicionar a cidadania global como prática crítica e reflexiva, contrapondo-se à sua instrumentalização voltada à empregabilidade. No entanto, pesquisas como a de Choi e Kim (2018) evidenciam os limites dessa proposta: ao analisar a inserção da cidadania global em livros didáticos na

Coreia do Sul, constatam que, sob o discurso de harmonia e ética, prevalecem narrativas neoliberais de competitividade e capital humano, além de reforços nacionalistas que enfraquecem a dimensão solidária da cidadania global.

Pais e Costa (2020) sintetizam essas tensões ao argumentar que a cidadania global funciona como um “significante vazio”, capaz de abrigar discursos distintos e até contraditórios. Assim, enquanto a UNESCO projeta ideais de justiça social e solidariedade, as práticas concretas frequentemente se alinham às exigências do mercado e à mercantilização do ensino superior. A coexistência desses sentidos evidencia a centralidade da disputa discursiva no campo da internacionalização e da ECG, reforçando a necessidade de leituras críticas e de apropriações estratégicas que ampliem os horizontes de justiça, diversidade e valorização de saberes subalternos.

5. Discussão

Dialogando com Bakhtin ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999; VIDON; SILVA, 2018; ZACCHI, 2006) e Gramsci (2000a; 2000b; GIORDANI, 2009; ZACCHI, 2006), a análise dos enunciados concretos aqui pode evidenciar como a ECG se apresenta como um campo discursivo tensionado por projetos hegemônicos e contra-hegemônicos. Embora se revistam de neutralidade e universalidade, slogans, documentos e materiais pedagógicos revelam a presença de ideologias que naturalizam desigualdades e legitimam interesses específicos.

Nos documentos e relatórios de IOs examinados por Niemann e Martens (2021), por exemplo, discursos sobre “educação de qualidade” e “cidadania global” são apresentados como consensuais e universais. Contudo, quando traduzidos em metas e métricas globais, como os ODS e o PISA, tais enunciados produzem homogeneização e silenciam contextos locais. À luz de Gramsci (2000a; 2000b), podemos afirmar que esses discursos operam como formas de hegemonia, não apenas coerção, mas a conquista de consenso por meio da imposição de padrões globais que mascaram interesses econômicos do Norte Global.

De modo semelhante, Cabral e Moreno (2022) chamam atenção para enunciados em documentos oficiais de OIs como “Preparando alunos para os desafios do século XXI” (2015) e a “Iniciativa Global Educação em Primeiro Lugar” (2012). Apesar de se apresentarem como transformadores e inclusivos, esses textos priorizam competências adaptativas ao mercado, relegando a segundo plano questões estruturais como colonialidade, racismo e desigualdade global. Aqui, a análise bakhtiniana ([1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999) ajuda a

compreender como a universalização do discurso funciona como mascaramento ideológico, isto é, valores apresentados como neutros carregam intencionalidades específicas que estabilizam sentidos hegemônicos.

Pais e Costa (2020) reforçam essa tensão ao analisar os enunciados no relatório “*Global Citizenship Education: An Emerging Perspective*” (2013) e programas como o *Teach First*, no Reino Unido. A título de exemplo, o slogan do programa convoca ideais de inclusão e justiça social, mas a prática se ancora em parcerias público-privadas e lógica de mercado. O dialogismo bakhtiniano ([1934-1935] 1998) se evidencia no entrecruzamento de vozes onde a da justiça social, que reivindica equidade, e a da mercantilização, que naturaliza pressões financeiras. Como também lembra Gramsci (2000a; 2000b), podemos afirmar que a hegemonia nunca é total, mas resultado de acomodações e disputas permanentes.

Já no contexto universitário canadense, Chapman, Chapman e Eglin (2018) analisam slogans como “*The world is my classroom*” e programas como “*English for Global Citizens*”. Enunciados como estes, embora revestidos de universalidade, só adquirem sentido porque dialogam com expectativas de estudantes do Norte Global, ocultando experiências de sujeitos marginalizados. A contradição fica evidente quando a mesma cidadania global exaltada nos slogans não é estendida a migrantes indocumentados que cruzam a fronteira EUA-México, conforme evidenciado pelos autores. A ideologia, nesse caso, se materializa em slogans educacionais que reforçam privilégios globais enquanto disfarçam exclusões.

Na Coreia do Sul, Choi e Kim (2018) analisam livros didáticos do Ensino Fundamental II que mobilizam enunciados como “*single-blood Korean ethnicity*” e “*unification of Korean ethnicity to achieve development and prosperity*”. Tais formulações, ainda que sob a rubrica de cidadania global, reiteram nacionalismo e competitividade, mostrando que a ECG pode ser capturada como instrumento de fortalecimento estatal e de adaptação às demandas neoliberais. Mesmo valores como multiculturalismo e sustentabilidade aparecem instrumentalizados, isto pois, imigrantes são valorizados apenas pela utilidade econômica e a natureza é explorada como recurso turístico. Aqui, o dialogismo não se dá entre vozes simetricamente abertas, mas entre discursos críticos cooptados e um projeto hegemônico claramente neoliberal e nacionalista.

Por outro lado, os enunciados analisados por Bosio e Schattle (2021) oferecem brechas para contra-hegemonias. Ao propor uma ECG ética baseada em valores como empatia, responsabilidade social e engajamento comunitário, os autores apontam para discursos que deslocam a centralidade do econômico para o ético-social. Enunciados relacionados a voluntariado, campanhas de solidariedade e projetos de sustentabilidade

tensionam a lógica mercadológica dominante e configuram práticas discursivas contra-hegemônicas. Aqui se evidencia mais uma vez o dialogismo bakhtiniano (1934-1935] 1998) em que mesmo discursos hegemônicos abrem espaço para ressignificações, permitindo que vozes críticas disputem sentidos.

Assim, os seis estudos (NIEMANN; MARTENS, 2021; CABRAL; MORENO, 2022; CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018; CHOI; KIM, 2018; PAIS; COSTA, 2020) evidenciam que os enunciados sobre cidadania global, seja em relatórios internacionais, slogans universitários, programas educacionais ou livros didáticos, não podem ser tomados como neutros. Eles operam como arenas de disputa ideológica em que hegemonias são construídas, mas também contestadas. Sob a ótica gramsciana (GRAMSCI, 2000a; 2000b; GIORDANI, 2009; ZACCHI, 2006), tratam-se de aparelhos privados de hegemonia que difundem valores dominantes, mas que permanecem vulneráveis à emergência de contra-discursos. Ao mesmo tempo, sob a perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, (1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999; VIDON; SILVA, 2018; ZACCHI, 2006), esses enunciados confirmam o caráter dialógico da linguagem, no qual múltiplas vozes se entrecruzam, reforçando que a ECG é um espaço de batalhas discursivas em constante transformação.

6. Considerações finais

As trajetórias recentes da internacionalização no ensino superior, atravessadas pela retórica da ECG, revelam como discursos institucionais e de OIs carregam ideologias que oscilam entre a promessa de transformação social e a reprodução de lógicas neoliberais e eurocentradas (CABRAL; MORENO, 2022; NIEMANN; MARTENS, 2021; PAIS; COSTA, 2018; BOSIO; SCHATTLE, 2021). Tais ideologias se naturalizam ao serem apresentadas como universais e neutras (GRAMSCI, 2000a; 2000b; BAKHTIN, [1934-1935] 1998; [1929-1930] 1999), mascarando hierarquias epistemológicas e sociais, consolidando saberes e práticas do Norte Global como padrão incontestável de qualidade educacional, e moldando práticas pedagógicas e curriculares que configuram modos de vida e subjetividades de estudantes em sua formação como cidadãos do mundo (CHOI; KIM, 2018; MOROSINI *et al.*, 2025; FINARDI; FRANÇA; GUIMARÃES, 2022; LEAL; ABBA; FINARDI, 2024).

Nos discursos analisados (CABRAL; MORENO, 2022; NIEMANN; MARTENS, 2021; PAIS; COSTA, 2018; BOSIO; SCHATTLE, 2021; CHOI; KIM, 2018; CHAPMAN; CHAPMAN; EGLIN, 2018) predominam duas linhas centrais: a lógica neoliberal, que enfatiza competitividade, *rankings* e empregabilidade, e a retórica da cidadania global, que

evoca valores de justiça social, equidade e sustentabilidade. Embora esta última se apresente como ética e inclusiva, muitas vezes é atravessada pelas lógicas hegemônicas, influenciando o cotidiano de estudantes, professores e instituições de ensino: estudantes internalizam expectativas de mobilidade, multilinguismo e adaptação cultural; professores reorganizam currículos e pesquisas conforme padrões externos; e instituições redesenham políticas e missões em função de agendas globais sem levar em conta os próprios contextos locais (SANTOS; MOROSINI, 2018; SOUZA; OLIVEIRA, 2024).

Essa ambivalência discursiva indica um campo de disputa em que diferentes vozes procuram se afirmar. A linguagem, enquanto espaço de interação e tensão, evidencia a heterogeneidade de perspectivas em circulação ([BAKHTIN, [1934-1935] 1998), desde a legitimação de modelos globais de educação até a afirmação de práticas locais que resistem à homogeneização. Sob a ótica de Gramsci (2000a; 2000b), o domínio de certos sentidos sobre outros nesses discursos reflete um processo de construção hegemônica, no qual o consenso em torno de ideais de cidadania global pode funcionar tanto como instrumento de manutenção da ordem quanto como oportunidade para fissuras e práticas contra-hegemônicas (ZACCHI, 2006; GIORDANI, 2009).

Reconhecer práticas contra-hegemônicas e contra-discursos que surgem nesse cenário, fundamentados em epistemologias do Sul e em projetos pedagógicos críticos, como a internacionalização decolonial e abordagens de ECG comprometidas com justiça social, pluralidade epistêmica e direitos linguísticos (FINARDI; SALVADORI; WEHRLI, 2024; ORTIZ-ROJO; FINARDI; LACRUZ, no prelo), é condição essencial para que a internacionalização se configure como espaço de uma ECG efetivamente dialógica. Nessas condições, contribuiria para a formação de sujeitos capazes de enfrentar desigualdades e construir sociedades mais justas e plurais (BOSIO; SCHATTLE, 2021). Tais práticas valorizam saberes locais e experiências historicamente marginalizadas, rompendo com a lógica de dependência do Norte Global. Estudantes, professores e agentes educativos podem, assim, ser compreendidos como intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2000a; 2000b), articulando saberes críticos e interesses coletivos para transformar instituições e comunidades. A perspectiva bakhtiniana ([1934-1935] 1998) reforça que essas interações são dialógicas, permitindo múltiplas vozes em disputa, tensionando sentidos hegemônicos e abrindo espaço para ressignificações sociais e pedagógicas. Portanto, defendemos que a internacionalização e a ECG devem ser repensadas e praticadas de forma crítica, situada e comprometida com pluralidade epistêmica, direitos linguísticos e justiça social.

Embora na prática seja difícil aplicar as ideologias contra-hegemônicas da ECG, os autores dos estudos analisados convergem na necessidade de uma ECG crítica ou ética, capaz de enfrentar desigualdades e desafiar o neoliberalismo. Cabral e Moreno (2022) destacam explorar brechas institucionais, como conteúdos curriculares legais, para promover consciência crítica inspirada em Freire. Chapman, Chapman e Eglin (2017) propõem denunciar as desigualdades da cidadania global, como o contraste entre estudantes do Norte privilegiados e migrantes do Sul excluídos, e engajar os estudantes na análise crítica das relações de poder para que a educação contribua para enfrentar as causas estruturais da exclusão. Choi e Kim (2018) defendem reformular currículos e materiais didáticos, incentivando participação ativa dos estudantes em temas de paz, direitos humanos e sustentabilidade. Pais e Costa (2020) sugerem criar espaço para reflexão crítica radical, recusando a “pseudo-atividade” acadêmica, como debates formais ou projetos superficiais que reforçam a lógica neoliberal, e incentivando atividades que promovam questionamento profundo das estruturas educacionais e sociais. Niemann e Martens (2021) orientam mapear a atuação das OIs, como a UNESCO ou o Banco Mundial, identificando seus enfoques econômicos (formação de capital humano, produtividade) e sociais (inclusão, direitos, cidadania), e equilibrar essas dimensões na formulação de políticas educacionais, de modo a aproveitar convergências e evitar a importação acrítica de modelos globais. Por fim, Bosio e Schattle (2021) propõem uma ECG ética, baseada em valores como solidariedade e justiça social, concretizada em projetos comunitários, atividades interdisciplinares e práticas participativas que formem agentes transformadores comprometidos com o bem comum.

A análise das tensões entre discursos hegemônicos e práticas contra-hegemônicas mostra que a internacionalização do ensino superior é marcada por disputas ideológicas entre projetos de mundo divergentes. Para que a ECG cumpra seu potencial transformador dentro do processo de internacionalização das instituições de ensino no mundo todo, é preciso promover práticas pedagógicas reflexivas e contextualmente situadas, capazes de questionar padrões impostos, valorizar saberes historicamente marginalizados e articular justiça social com pluralidade epistêmica. Nessas condições, estudantes, professores e instituições podem atuar como agentes críticos, engajados na construção de sociedades mais equitativas e inclusivas, transformando desigualdades estruturais em oportunidades de aprendizado e ação coletiva.

Agradecimentos

A primeira autora agradece à CAPES pelo apoio financeiro por meio da bolsa de doutorado. A segunda autora agradece à Fapes e Cnpq por apoio à pesquisa na forma de bolsa de produtividade em pesquisa (Cnpq) e auxílios de diversas naturezas (Fapes).

Contribuição de Autoria

Barbara Cortat Simoneli contribui na conceituação; investigação; curadoria de dados; redação – rascunho original; redação – revisão e edição. Kyria Rebeca Finardi contribui conceituação; supervisão; validação; redação – revisão e edição.

Conflito de Interesse

As autoras declaram não existir conflitos de interesse neste trabalho.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Não se aplica, por se tratar de um ensaio teórico.

Link para Preprint

Será disponibilizado após depósito em servidor de preprints, conforme normas da revista.

Referências

AMORIM, Gabriel Brito; FINARDI, Kyria Rebeca. Internacionalização do Ensino Superior e Línguas Estrangeiras: Evidências de Um Estudo de Caso nos Níveis Micro, Meso e Macro. **Avaliação**, v. 22, n. 3, p. 614-632, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-40772017000300003>.

AMORIM, Gabriel Brito; FINARDI, Kyria Rebeca. The Road(s) Not Taken and Internationalization in Brazil: Journey or Destination? **ACTA SCIENTIARUM. EDUCATION (ONLINE)**, Vol. 44, p.1-13, 2022.

AMORIM, Gabriel Brito; FINARDI, Kyria Rebeca. Uma matriz de (auto)avaliação da internacionalização do ensino superior no Brasil. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 31, n. 78, p. 699–722, 2020.

BAKHTIN, Mikhail . **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Bernadini *et al.* 4. ed. São Paulo: Unesp, [1934-1935] 1998.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, [1929-1930] 1999.

BOSIO, Emiliano. Global South university educators' perceptions of global citizenship education: reflective dialogue, social change, and critical awareness. **Prospects**, 2023. DOI: 10.1007/s11125-023-09635-y.

BOSIO, Emiliano; SCHATTLE, Hans. Ethical global citizenship education: From neoliberalism to a values-based pedagogy. **Prospects**, v. 53, n. 3-4, p. 287-297, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11125-021-09571-9>.

CABRAL, Guilherme Perez; MORENO, Viviane Tavares Leite. Educação para a cidadania global (UNESCO): um discurso reformista neoliberal. **Revista Carta Internacional**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 1-25, 2022.

CÂMARA, Fernando Aparecido; FERNANDES, João Paulo Moreira; MOREIRA, Crisfabile dos Santos; TELLES, Maria Andrea Dias. O estado da arte como metodologia utilizada para o projeto de pesquisa dos egressos de instituições de acolhimento. **Caderno Humanidades em Perspectivas – II Simpósio de Pesquisa Social e II Encontro de Pesquisadores em Serviço Social – Edição Especial**, p. 132-144, out. 2019.

CHAPMAN, Debra D.; CHAPMAN, Tania Ruiz; EGLIN, P. Global Citizenship as Neoliberal Propaganda: A Political-Economic and Postcolonial Critique. **Alternate Routes: A Journal of Critical Social Research**, v. 29, p. 142 – 166, 2018.

CHIAPPA, Roxana; FINARDI, Kyria. Coloniality Prints in Internationalization of Higher Education: The Case of Brazilian and Chilean International Scholarships. **Scholarship of Teaching and Learning in the South**, v.5, n.1, p.25-45. DOI: 10.36615/sotls.v5i1.161.

CHOI, Yoonjung; KIM, Yeji. Deconstructing neoliberalism in global citizenship discourses: an analysis of Korean social studies textbooks. **Critical Studies in Education**, [s.l.], 2018. <https://doi.org/10.1080/17508487.2018.1501718>.

FINARDI, Kyria; ARCHANJO, Renata. Washback effects of the Science without Borders, English without Borders and Language without Borders programs in Brazilian language policies and rights. **Language policy and language acquisition planning**, p. 173-185, 2018.

FINARDI, Kyria Rebeca; FRANÇA, Claudio; GUIMARÃES, Felipe Furtado. Ecology of knowledges and languages in Latin American academic production. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 30, p. 764-787, 2022.

FINARDI, Kyria Rebeca; FRANÇA, Claudio; GUIMARÃES, Felipe Furtado. Knowledge production on internationalisation of higher education in the Global South Latin America in focus: América Latina en foco. **Diálogos Latinoamericanos**, v. 32, p. 51-69, 2023.

FINARDI, Kyria; SALVADORI, Juliana; WEHRLI, Andrea. Global Citizenship and Internationalization at Home: Insights from the BRASUIS Virtual Exchange Project. **Studies in English Language Teaching**, v. 12, n. 2, p. 59-72, 2024.

FINARDI, Kyria; SANTOS, Jane; GUIMARÃES, Felipe. A relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da Coordenação de Letramento Internacional de uma Universidade Federal. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, p.233-255, 2016.

FRANÇA, Claudio; FINARDI, Kyria Rebeca. Impacto científico y monopolio del inglés: desafíos para la diversidad lingüística. **Sistemas & Sociedad**, [s.l.], n. 47, 2023. <https://doi.org/10.34096/sys.n47.16713>.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora Unesp, 1991.

GIORDANI, Rosselane. Hegemonia e discurso: o sujeito que resiste. **Revista Caros Amigos**, Edição Especial MST. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a. v. 2.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Trad. Luiz S. Henriques *et al.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b. v. 3.

GUIMARÃES, Felipe Furtado; FINARDI, Kyria Rebeca. Global citizenship education (GCE) in internationalisation: COIL as alternative thirdspace. **Globalisation, Societies and Education**, v. 19, n. 5, p. 641–657, 2021.

GUIMARÃES, Felipe Furtado; FINARDI, Kyria Rebeca. Internacionalização e Português como Língua Estrangeira (PLE): Levantamento e Discussão. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 8, n. 00, p. e022003, 2021. DOI: 10.20396/riesup.v8i00.8663449.

HILDEBLANDO JÚNIOR, Carlos Alberto; FINARDI, Kyria Rebeca; EL KADRI, Michele. Affordances da COIL para a internacionalização do ensino superior: um estudo de caso. **Revista da Anpoll**, v. 53, n. 1, p. 253-272, 2022.

KNIGHT, Jane. Internationalization of higher education: a conceptual framework. In: KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. **Internationalization of higher education in Asia Pacific countries**. Amsterdam: European Association for International Education Publications, 1997.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

LEAL, Fernanda; ABBA, Julieta; FINARDI, Kyria Rebeca. Challenges for an internationalization of higher education from and for the global south. **Perspectives in Education**, v. 40, n. 3, p. 241-250, 2022.

LEAL, Fernanda; ABBA, Julieta; FINARDI, Kyria Rebeca. Immersed in the dominant global imaginary: reflecting on internationalization of higher education discourses in Brazil. **Journal of Studies in International Education**, v. 28, p. 1-17, 2024. DOI: [10.1177/10283153241286022](https://doi.org/10.1177/10283153241286022).

MIRANDA, Jose Alberto; MUELLER, Cristiana Verônica. Política Nacional de Internacionalização da Educação Superior do Brasil: uma análise crítica. **SciELO Preprints**, 2023.

MOROSINI, Marília Costa; STALLIVIERI, Luciani; FELICETTI, Vera Lúcia; WOICOLESCO, Vanessa Gabrielle. Internacionalização na Educação Básica no Brasil: marcos conceituais. E-curriculum: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação: Currícul, São Paulo, p. 1 – 24, 2025. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2025v23e61242>.

MOROSINI, Marília Costa; WOICOLESCO, Vanessa Gabrielle; MARCELINO, Jocelia Martins; MENTGES, Manuir José. Internacionalização na Educação Básica: uma análise a partir da UNESCO. **Revista Iberoamericana de Educación**, [s.l.], v. 93, n. 1, p. 17–31, 2023. <https://doi.org/10.35362/rie9315997>.

NIEMANN, Dennis; MARTENS, Kerstin. Global Discourses, Regional Framings and Individual Showcasing: Analyzing the World of Education IOs. In: MARTENS, Kerstin *et al.* **International Organizations in Global Social Governance**. Cham: Springer, 2021. p. 163 - 186. https://doi.org/10.1007/978-3-030-65439-9_7.

ORTIZ-ROJO, Ramon A.; FINARDI, Kyria Rebeca. Internationalization of universities and quality education: a focus on teaching, research and outreach activities. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 44, n. 2, 2022.

ORTIZ-ROJO, Ramon; FINARDI, Kyria Rebeca; LACRUZ, Adonai. Global citizenship: insights from universities in the Global North and Global South. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, no prelo.

PAIS, Alexandre.; COSTA, Marta da. An ideology critique of global citizenship education. *Critical Studies in Education*, v. 61, n. 1, p. 1-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17508487.2017.1318772>.

PEREIRA, Lauro Sérgio Machado; SANTCLAIR, Dllubia; SILVA, Kléber Aparecido da. A internacionalização do currículo na perspectiva de professores de línguas no Brasil. **Revista Educação em Questão**, v. 61, n. 68, p. 1-19, 2023.

PERES, Edenize Ponzio; FINARDI, Kyria Rebeca; CALAZANS, Poliana Claudiano. Language contact, maintenance and conflict: The case of the Guarani language in Brazil. In: ROMANOWSKI, Piotr; GUARDADO, Martin. **Language contact, maintenance and conflict: The case of the Guarani language in Brazil**. 1 ed. Varsóvia: De Gruyter Mouton, 2020, v. 1, p. 25-37. DOI 10.1515/9781501514692-003

PICCIN, Gabriela Freire Oliveira; FINARDI, Kyria Rebeca. Abordagens críticas/decoloniais na educação superior:(in) visibilidades nas/das epistemologias de (des)construção das internacionalizações. **Línguas & Letras**, v. 22, n. 52, p. 56-71, 2021.

PICCIN, Gabriela Freire Oliveira; FINARDI, Kyria Rebeca. Questioning global citizenship education in the internationalization agenda. **SFU Educational Review**, v. 12, n. 3, p. 73–89, 2019. <https://doi.org/10.21810/sfuer.v12i3.1015>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

REZENDE, Patrick. A Internacionalização Das Produções Indígenas: Tradução Como Uma Tentativa De Reparar O Silenciamento. **Leetra Indígena**, v. 23, n. 1, p. 71-93, 2024.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol dos; SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; SERIQUE, Nádia dos Santos; LIMA, Rafael Rodrigues. Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 202-220, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.215>.

SANTOS, Pricila Kohls dos; MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização e Educação para a Cidadania Global: a Visão de Professores Universitários. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 5, p. 1-17, 2019. <https://doi.org/10.20396/riesup.v5i0.8653913>.

SILVA, Homero Alberto Gomes da; VIEIRA, Homero Alberto Gomes da. A internacionalização do currículo da educação superior à educação básica: uma reflexão bibliográfica sobre o tema. **Revista Científica FESA**, v. 1, p. 122-139, 2021.

SOUZA, Valeska Virgínia Soares; OLIVEIRA, Nayara Rocha de. Experiências de Professores no Projeto Adolescentes Políglotas: formando estudantes para a cidadania global. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Uberlândia, v. 28, n. 1, p. 1 – 21, 2024.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini. Estados da Arte: aparando arestas na compreensão dessa modalidade de pesquisa. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 29, e23034, p. 1 – 15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320230034>.

Vidon, Luciano Novaes; Silva, Marina Gomes da. Gêneros do discurso argumentativo em um livro didático de português: contexto de produção e diálogo entre os gêneros. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 8, n. 19, p. 28 – 42, 2018

VIEIRA, Gicele Vergine; FINARDI, Kyria Rebeca Finardi; PICCIN, Gabriela Freire Oliveira. Internacionalizando-se: Os Desafios para os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasil. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. esp1, p. 394-410, 2018

ZACCHI, Vanderlei J. **Linguagem e subjetividade em Gramsci e Bakhtin**. *Gragoatá*, n. 20, p. 83-102, 1. sem. 2006.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.